

A autoria feminina na Espanha contemporânea: O conto “Silêncio”, de María Ángeles Barrionuevo Gómez – Uma tradução comentada

*Feminine authorship in contemporary Spain: The short story “Silencio” by María Ángeles Barrionuevo Gómez
A commented translation*

Bárbara Loureiro Andreta 

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM – Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar ao leitor brasileiro a tradução inédita do conto “Silêncio”, escrito pela espanhola María Ángeles Barrionuevo Gómez (1967 –), no outono europeu de 2019. O referido conto propõe um olhar poético para a paisagem outonal, ao mesmo tempo em que reflete sobre a condição humana. O processo tradutório revelou algumas questões teóricas e práticas que serão explicitadas ao longo deste trabalho, segundo as proposições de Tania Franco Carvalho (1993; 2003).

Palavras-chave: Literatura Espanhola Contemporânea; Tradução Literária; María Ángeles Barrionuevo Gómez.

Abstract: The current work aims to present to the Brazilian reader the original translation of the short story “Silêncio” written by the Spanish María Ángeles Barrionuevo Gómez (1967 –), during the 2019 European autumn. This short story suggests a poetic look to the autumn landscape at the same time that ponders about the human condition. The translation process brought up some theoretical and practical questions that will be explained in this work according to the propositions of Tania Franco Carvalho (1993; 2003).

Keywords: Contemporary Spanish Literature; Literary Translation; María Ángeles Barrionuevo Gómez.

Resumen: Este artículo tiene el objetivo de presentar la traducción inédita del relato “Silêncio”, escrito por la española María Ángeles Barrionuevo Gómez (1967 –), en el otoño europeo de 2019. El cuento propone una mirada poética hacia el paisaje otoñal, al mismo tiempo que reflexiona sobre la condición humana. El proceso de traducción reveló algunas cuestiones teóricas y prácticas, que se explicitarán a lo largo de este trabajo, según las proposiciones de Tania Franco Carvalho (1993; 2003).

Palabras-clave: Literatura Española Contemporánea; Traducción Literaria; María Ángeles Barrionuevo Gómez.

“Me encanta que se traduzca al portugués porque es una lengua muy hermosa, dulce, cadenciosa, espléndida.” (María Ángeles Barrionuevo Gómez)¹².

1. Introdução

A presente tradução do conto “Silêncio” visa apresentar a escritora espanhola María Ángeles Barrionuevo Gómez ao leitor brasileiro. A autora, nascida em Granada, é formada em Direito pela Universidade de Granada e, além de escritora, exerce a função de procuradora de justiça. Esta é a primeira vez que um texto de María Ángeles Barrionuevo Gómez é traduzido para o português brasileiro.

Em “A Tradução Literária”, Carvalhal (1993, p. 47), já propunha a ideia de que toda tradução literária consiste na transferência para uma determinada (e contemporânea) tradição literária de uma obra escrita em outra língua e, em alguns casos, em outro tempo. Essa ideia, proposta inicialmente em 1993, mantém-se e se aprofunda em “Tradução e recepção na prática comparatista”, um dos capítulos de *O próprio e o alheio* (2003), e a esse entendimento, a autora agrega e desenvolve a concepção da tradução como um ato criativo que também intermedia culturas:

[...] natureza criadora do ato de traduzir e seus aspectos contextuais e que, além disso, compreendem a tradução como um ato de comunicação e intermediação entre culturas. Isto porque se trata de transferir para uma determinada (e contemporânea) tradição literária uma obra escrita em outra língua e, muitas vezes, em outro tempo (CARVALHAL, 2003, p. 219).

Deste modo, Carvalhal (2003, p. 2019) entende que a função da tradução, e por conseguinte, do tradutor, é fazer um texto circular fora de sua literatura de origem, ou seja, disseminá-lo, difundi-lo em outros sistemas literários. Porém, conforme a pesquisadora, um tradutor possibilita não apenas o acesso a um texto em outro idioma, mas também a costumes e princípios que estão veiculados no texto traduzido.

Ainda, cabe ressaltar que a tradução aqui apresentada é uma possível versão do texto original. A pesquisadora supracitada recorda que toda a tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original, entendo o texto *original* como o texto que origina outros textos, ou seja, cada texto original pode se converter em seu “outro” (CARVALHAL, 2003, p. 227). Dessa maneira, de acordo com a professora, toda tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original, é sempre uma das possíveis leituras de um texto, a realização de uma das potencialidades que o texto encerra:

Toda tradução literária é uma das possíveis versões de um texto original. Assim, sendo o novo texto, é ainda o texto anterior. Dito de outro modo: é a realização de uma possibilidade de ser do texto original que a tradução se encarrega de concretizar. Dessa forma, o texto traduzido remete constantemente ao anterior e se converte em seu “outro” (CARVALHAL, 2003, p. 227).

Para Carvalhal (2003, p. 227), não cabe a um texto ser idêntico ao texto traduzido, mas a concretização de uma das possibilidades que o texto tinha de ser. Em sua visão, cada texto traz em si as suas possíveis traduções. Ademais, a professora salienta que a tradução tem um papel decisivo nas circulações literárias, visto que sempre traz algo de novo para o sistema literário. Segundo explica, mesmo que vários leitores possam ler uma obra no idioma original, esse texto não faz parte do sistema literário enquanto não for traduzido (CARVALHAL, 2003, p. 230).

2. A autora e sua obra

María Ángeles Barrionuevo Gómez nasceu em Granada, na Espanha, em 1967, onde reside até os dias de hoje. A autora é casada e mãe de duas filhas (uma delas, a vida lhe levou). Concomitante às atividades profissionais, María Ángeles participa de um grupo de escrita criativa, denominado “El laurel de la azotea”, formado por outras mulheres que, de maneira análoga e em condição semelhante à sua, encontram

¹ Via email

² Encanta-me que seja traduzido [o conto] ao português porque é uma língua bonita, doce, cadenciosa, espléndida.”

na escrita criativa um espaço para tentar elaborar suas inquietações literariamente. O grupo se reunia, antes da pandemia, com intervalos semanais ou quinzenais – conforme as agendas das participantes permitisse, na cidade de Granada. A partir de 2020, os encontros foram cancelados, devido às restrições sanitárias. Contudo, em 2021, o grupo voltou a organizar-se, desta vez por meio remoto. As reuniões, então, voltaram a acontecer à distância.

Foi por meio de uma das integrantes do grupo “El laurel de la azotea” que tive contato com o conto “Silêncio”, surgindo, então, a decisão por traduzi-lo para o português. É válido salientar que foram realizadas entrevistas com a autora, via *e-mail*, tanto para conhecer mais sobre sua vida e sua obra, como para esclarecer algumas dúvidas no que diz respeito às questões culturais que, de certa forma, estão presentes no conto e serão melhor explicadas na sequência deste artigo.

A autora relata que sua relação com o mundo das letras começou desde muito cedo, já com cerca de três anos lia o rótulo do *shampoo* para sua mãe, enquanto esta lhe banhava. Já maior, tornou-se uma leitora compulsiva, pois entende que ler abre a mente para outros mundos, outras dimensões, outros pontos de vista, enriquecendo-nos e tornando-nos mais compassivos, o que possibilita que compreendamos melhor os diferentes tipos de vida, distintos dos nossos. Segundo ela:

No sé cuando aprendí a leer, mi madre me cuenta que teniendo unos tres años, mientras me bañaba yo le leí el leterrito que traía el champú, al principio pensó que me lo inventaba, pero resultó que no..., si recuerdo el placer que unir las letras me daba, desde entonces hasta ahora, no he dejado de leer compulsivamente. Leer abre tu mente a otros mundos, a dimensiones diferentes, a otros puntos de

³ Via e-mail

⁴ “Não sei quando aprendi a ler, minha mãe me conta que, com cerca de três anos, enquanto ela me banhava, eu li para ela o rótulo do *shampoo*. No começo, ela pensou que eu estava inventando, mas acabou que não..., se lembro do prazer que unir as letras me dava, desde então até agora, não deixei de ler compulsivamente. Ler abre tua mente a outros mundos, a dimensões diferentes, a outros pontos de vista, te enriquece e te faz mais compassivo também, porque podes compreender (se queres) outras formas de vida diferentes da tua. Ler às vezes leva a escrever, creio que isso foi o que aconteceu comigo. Já no Colégio ganhei alguns prêmios, mais tarde, algum concurso, mas

vista, te enriquece y te hace más compasivo también, porque puedes comprender (si quieres) otras formas de vida diferentes a la tuya. Leer a veces lleva a escribir, creo que eso es lo que me pasó a mí, ya en el Instituto gané algunos premios, más tarde algún concurso, pero no tomé conciencia de que escribiría hasta que fue una necesidad imperiosa (BARRIONUEVO GÓMEZ, 2021)³⁴.

María Ángeles Barrionuevo Gómez tem contos publicados em diversas coletâneas de autoria coletiva, entre eles “Tu nombre”, na coletânea *Dolor tan fiero* (2015) e “Calcetines”, em *Amor con humor se paga* (2017). Em 2021, Barrionuevo Gómez publicou um livro de poemas, em edição bilingue espanhol - inglês, intitulado *El lenguaje de los pájaros*. O conto que traduzimos, “Silêncio”, foi escrito no outono de 2019. Para a autora, este fato é muito significativo, pois devido à brevidade do outono granadino e da consciência de que a estação mais fria se aproxima, o outono antecipa um período de reflexão e observação. Em suas palavras: “[...] sabemos que en muy poco tiempo el frío nos va a alcanzar...el invierno es tiempo de reflexión, de observar, por eso la aproximación al silencio la situé en otoño” (BARRIONUEVO GÓMEZ, 2020).⁵⁶ O conto ganhou o prêmio *Hypatia de Alejandría* (2019), promovido pelo *Ayuntamiento de Güévejar*⁷, em Granada. Entretanto, ainda não foi publicado, pois os vencedores de cada edição são publicados em um pequeno volume a cada cinco anos.

3. Silêncio

O conto “Silêncio” apresenta um relato autodiegético, em que a narradora e protagonista expõe ao leitor a experiência pessoal e peculiar de passar um dia inteiro sem ouvir, bem como as novas experiências e sensações advindas deste episódio.

não tomei consciência de que escrevia, até que foi uma necessidade imperiosa”.

⁵ Via e-mail.

⁶ “[...] sabemos que, em breve, o frio nos alcançará... o inverno é tempo de reflexão, de observar, por isso da aproximação ao silêncio, situei-o no outono”.

⁷ Güévejar: cidade na província de Granada. Página do concurso deste ano: <http://ayuntamientoguevejar.com/vii-edicion-microrrelatos-2021/>. Data de acesso: 24 de maio de 2021.

Já no início do conto, a narradora revela ao leitor o que lhe aconteceu, enfatizando que, ao contrário do que costumeiramente sucede, neste dia, foi acordada pelo silêncio. Na sequência, o leitor acompanha uma série de experiências vividas pela narradora nesse dia em que permaneceu sem ouvir. Destacam-se principalmente, a maior percepção dedicada aos detalhes que lhe chegam por meio de outros sentidos, em especial, a visão, o que torna o conto repleto de imagens muito vivas do cotidiano.

A percepção diferenciada do mundo quando da ausência de audição se estende também às pessoas que ela encontra nos espaços públicos. Sua observação mais aguçada das pessoas começa já pela manhã, quando a protagonista entra no ônibus e observa o motorista, permitindo-se imaginar sua vida, sua intimidade, tendo como base os pequenos detalhes que ela vê e que ficam mais salientes e evidentes na ausência da audição.

A seguir, a protagonista se permite refletir sobre quantas coisas pôde perceber a partir do momento em que perde a audição, sobre os detalhes que consegue enxergar nas pessoas. No centro da cidade, por exemplo, ela não se distrai com o som e por não se desanuiar, consegue entrever melhor os detalhes do mundo que a rodeia, como os pássaros, as árvores do centro da cidade, uma excursão de colégio, dois senhores idosos que caminham pela rua.

Ao fim do conto, a narradora retorna à sua casa, achando-a mais amável e mais acolhedora do que de costume. E, ao anoitecer, sente que, pouco a pouco, sua audição retorna.

4. A tradução: discussão das principais dificuldades

O conto “Silêncio” é composto, em sua maior parte, por uma linguagem simples, mas ao mesmo tempo, complexa para o processo tradutório, uma vez que é absolutamente poética e descritiva, destacando

⁸ Via e-mail.

⁹ “Silêncio” se desenvolve no outono de Granada, esta estação é breve aqui, mas muito intensa. As árvores ficam douradas, o ar fica fresco e transparente, (longe da densidade quente que nos cobre durante o verão), e há um

a paisagem outonal granadina. Segundo a autora nos relatou, o outono inspirou a escrita do referido conto por antecipar um período de reflexão e observação, considerando a brevidade do outono em Granada e a consciência da proximidade da estação mais fria. Nesse sentido, entende-se que um dos desafios do processo tradutório foi manter a imagem poética da paisagem de outono.

Ao relatar o seu entendimento acerca do outono granadino, Barrionuevo Gómez descreve que o outono em Granada é breve, mas muito intenso. As árvores ficam douradas, o ar torna-se fresco e transparente – completamente diferente da densidade quente que cobre a cidade durante o verão –, há um perfume de jardim antigo por toda a cidade, como se ela se preparasse para seu sono invernal com muita alegria:

Silencio, se desarrolla en el otoño de Granada, esta estación es aquí breve, pero muy intensa. Los árboles se vuelven dorados, el aire se vuelve fresco y transparente, (lejos de la densidad calenturienta que nos cubre durante el verano), y hay un olor a jardín antiguo por toda la ciudad, como si la ciudad se preparara para su sueño invernal con alegría. Incluso los sonidos son diferentes, más cristalinos, y las calles se llenan de estudiantes risueños que empiezan a sacar sus bufandas, porque nadie quiere renunciar a los paseos (BARRIONUEVO GÓMEZ, 2021)⁹⁹.

A decisão por situar o conto no outono foi fortemente baseada nesses fatores, uma vez que representa a estação que augura a tranquilidade das coisas que estão em repouso, esperando com serenidade o momento de renascer:

Es por eso que decidí situar el relato en otoño, una estación que augura la tranquilidad de las cosas que reposan, esperando con serenidad el momento de renacer. Es un tiempo para preparar, para crecer y para plantearse otros modos de ver el mundo, eso es “Silencio”, una manera distinta de acercarse a la realidad, de crear empatía con otras maneras de vivir. Me pregunté qué pasaría si uno de los sentidos fallase, qué sensaciones

aroma de jardim antigo por toda a cidade, como se a cidade se preparasse para seu sono invernal com alegria. Até os sons são diferentes, mais cristalinos, e as ruas se enchem de estudantes risonhos que começam a tirar suas mantas, porque ninguém quer renunciar aos passeios”.

perdemos, y si el mundo, contrariamente a lo que pensamos, no ofrecería compensaciones que desconocemos¹⁰¹¹.

Devemos ter em mente que a tradução apresenta ao leitor não apenas outro texto, mas outra cultura. Conforme Carvalho (2003), a tradução permite o acesso não só a um texto, a uma obra literária escrita em outro idioma, mas a costumes e princípios que o texto traduzido veicula. O outono granadino é um exemplo disso: a brevidade e a intensidade da referida estação na cidade possibilita uma relação diferenciada das pessoas com a estação, como demonstra o conto. Neste caso, além dos aspectos culturais implicados na tradução, há diferenças concretas, como as climáticas: o outono no sul da Espanha não é o mesmo que no sul do Brasil, por exemplo. Nesse sentido, situar o leitor é ainda mais desafiante.

Outra dificuldade de tradução ocorreu em trechos em que há um forte apelo sensorial, especialmente imagético, confirmando a concepção de Berman (2002, p. 20), segundo a qual todo texto a ser traduzido apresenta uma sistematicidade própria, que é encontrada, enfrentada e revelada pelo movimento da tradução.

Temos, como exemplo, o seguinte caso:

Quadro 1: Exemplo de equivalências – trechos com forte apelo sensorial

Texto fonte	Texto meta
Sopla una brisa gris que me consuela, acaricia levemente mi cara y corretea por el paso de cebrá ajena al tráfico. Es casi un niño travieso que levanta unas transparentes manos, <u>saltando</u> los papeles que vuelan sueltos por la avenida.	Sopra uma brisa sombria que me consola, acaricia levemente meu rosto e brinca pela faixa de pedestres, alheia ao tráfego. É quase um menino travesso que levanta umas mãos transparentes, <u>dançando com</u> os papéis que voam soltos pela avenida.

Fonte: Elaboração própria

¹⁰ Via e-mail.

¹¹ “É por isso que decidi situar o conto no outono, uma estação que augura a tranquilidade das coisas que repousam. É um tempo para se preparar, para crescer e para conceber outros modos de ver o mundo, isto é “Silêncio”, uma maneira distinta de se aproximar da realidade, de criar empatia com outras maneiras de viver.

O apelo sensorial-imagético se dá especialmente por meio do verbo *saltar* que, dentre suas definições apresentadas pelo *Diccionario de la lengua española*, da Real Academia Española (RAE), em sua versão *on line*, encontramos:

**Dicho de una cosa: Romperse o quebrarse violentamente cuando está sometida a condiciones que rebasan su capacidad de funcionamiento.*

**Dicho de una cosa: Desprenderse de donde estaba unida o fija.* (RAE. *Diccionario de la lengua española*)¹²

Optamos por traduzir o verbo *saltar*, neste caso, por *dançar com*, como forma de manter a imagem poética da brisa dançando com os papéis, voando e dançando, bailando ao vento. Ainda que fosse possível traduzir *saltar*, com o sentido de “*desprenderse de donde estaba unida o fija*”, certamente perderíamos a imagem poética da dança dos papéis ao vento. Nesse contexto, é válido lembrar as palavras de Montemezzo (2019, p. 212), quando avalia que, a partir da virada do século XXI, os estudos tradutológicos demonstraram não apenas que o conceito de equivalência precisaria ser revisto como conceitos tidos como mais estáveis – tais como, fidelidade e original – precisariam ser modalizados. Desse modo, a professora entende que ao invés de fidelidade, deve-se discutir ética profissional e lealdade ante os destinatários das traduções, a saber, editoras e leitores. Assim, segundo ela, ser fiel significa garantir a integridade textual, respeitando todos os entes da cadeia comunicativa que o processo tradutório implica (MONTEMEZZO, 2019, p. 212).

Ainda, *caer en barrena* causou bastante dificuldade de tradução:

Quadro 2: Exemplo de equivalências – unidas fraseológicas:

Texto fonte	Texto meta
“(…) algo lo hizo <u>caer en barrena</u> examinando cada uno de los días que	“(…) algo o fez <u>sentir-se atolado</u> , examinando cada um dos dias que

Perguntei-me o que aconteceria se um dos sentidos faltasse, que sensações perderíamos e se o mundo, contrariamente ao que perdemos, não ofereceria compensações que desconhecemos”.

¹² *Saltar* – *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <https://dle.rae.es/saltar?m=form>. Data de acesso: 01 de abril de 2021.

está atado a este remo de galera urbana, o cada una de las noches que no consigue dormir.”	está preso a este braço de embarcação urbana, ou cada uma das noites que não consegue dormir.”
--	--

Fonte: elaboração própria

Este exemplo, além do desafio relativo ao conteúdo poético do texto, acrescentou outras complexidades ao processo tradutório: *caer en barrena*, literalmente, é o que acontece com os aviões, quando despencam do céu, girando em *looping* sobre si mesmos. Segundo o dicionário María Moliner (1993, edição impressa), utilizando o verbo *entrar* para a referida locução, temos “*empezar un avión a descender describiendo una espiral, por haber llegado a ser su velocidad inferior a la necesaria para mantenerse en el aire*”. Assim sendo, a ideia de *looping* era aceitável. Contudo, além de ser um estrangeirismo – que não está presente no original – a imagem literal de decadência também pode indicar, metaforicamente, “ficar sem forças ou sem inspiração para fazer algo”¹³. Pareceu-nos, portanto, importante encontrar uma expressão em português que mantivesse ambas as acepções (literal e metafórica). Nesse sentido, a opção por “sentir-se atolado” remete, por um lado, à inércia que a vida do motorista do ônibus parece ter – segundo a ótica do narrador – e, por outro, mantém-se em campo semântico que alude ao seu fazer profissional. Perdemos a noção de queda livre e acrescentamos a ideia de inércia, o que fez-nos refletir sobre o processo tradutório como um movimento dinâmico e, por vezes, apresenta instabilidades. Isto, no entanto, não pode representar impedimento para que o processo se efetive, como acontecia tempos atrás, em que a crença na intraduzibilidade impunha restrições ao fazer tradutório. Muito menos pareceu-nos adequado traduzir uma expressão espanhola por um estrangeirismo, apesar de esta última ser muito utilizada no Brasil em contextos semelhantes.

Considerações finais

Traduzir o texto de María Ángeles Barrionuevo Gómez foi uma tarefa agradável e, ao mesmo tempo, desafiante. Como comentado, a linguagem empregada no texto é, de maneira geral, simples, porém, por outro lado, é complexa para o processo tradutório, uma vez que é absolutamente poética e descritiva. Adentrar na descrição poética do outono granadino, bem como nas reflexões acerca da condição humana apresentadas pela autora foi muito gratificante. Entretanto, foi desafiador tentar manter essa descrição poética na tradução devido à sua dificuldade.

Em relação à metodologia de trabalho empregada para chegar ao resultado obtido, parece-nos que, embora não usual, ela foi muito efetiva. Se consideramos que “(...) a tradução se configura como uma privilegiada instância de diálogo” (MONTEMEZZO, 2009), perceberemos que utilizar fontes de consulta não tradicionais pode ser de grande valia para o resultado final, sobretudo quando trabalhamos com textos contemporâneos e, portanto, com a língua em todo o seu dinamismo e frescor. Em alguns casos, como sabemos, os dicionários e as demais fontes de consulta não dão conta de todos os usos da língua. Isto pode ocorrer, especificamente, em casos como o que estamos abordando, uma vez que tratamos de uma autora ainda desconhecida do público brasileiro. Assim, recorrer à própria autora e a um tradutor do para E-P, profundo conhecedor da realidade brasileira, constituem, a nosso ver, movimentos legítimos para fazer chegar o “Silêncio” do outono granadino aos leitores brasileiros.

Ainda assim, sem perder de vista os postulados Carvalhal (2003), de que a tradução é uma das leituras possíveis do texto, há de se considerar que a tradução aqui apresentada é uma das diversas leituras que este texto permite, é um “outro” do original. Certamente, “Silêncio” permite e aceita outros “outros”, outras versões, outras reescritas, e aí reside sua riqueza, assim como a do processo tradutório.

Boa leitura!

¹³ Segundo consulta feita ao professor José Antonio Sabio Pinilla, tradutor e falante nativo de espanhol, atualmente

residente no Brasil, a quem agradecemos a gentileza e os esclarecimentos.

María Ángeles Barrionuevo Gómez –
Espanha
Silêncio

Esta manhã, levantei-me surda. Fui acordada por um silêncio nu, ao que não estou acostumada.

Imagino que o ar frio desse cinema notívago fez das suas, enquanto ríamos sob as marquises iluminadas. Despedimo-nos uma e outra vez, sem querer ir a nenhum lugar.

Às oito, peguei o ônibus. Não me ouvi dizer ‘bom dia’, mas o motorista simulou um sorriso. Foi um gesto voluntário, apesar da pressão de suas mãos na borracha preta do volante, apesar da volta gasta de sua lapela e de uma barba incipiente. Admiro seu esforço. Talvez não tenha podido dormir esta noite sabe-se lá o porquê, um bebê e seus dentes, um problema com o banco, uma leve briga com sua esposa... algo o fez sentir-se atolado, examinando cada um dos dias que está preso a este braço de embarcação urbana, ou cada uma das noites que não consegue dormir. Olho seus ombros rígidos e desejo que uma força poderosa junte suas omoplatas e as transforme em asas, percorra sua coluna e a ondule, pare em seus ísquios e o faça levitar, em resumo, que não lhe doam as costas hoje.

É incrível quantas coisas percebo agora que não ouço, quantas coisas as sobranceiras dizem, o fio transparente de um pavilhão auricular, a fala que as mãos trazem, ou as histórias que determinadas posturas contam. Inclusive, pareceu-me ver, na terceira parada, uma senhora grande como uma poltrona, subir com uma aura clara ao redor da cabeça.

Desço para o centro da cidade, o som não me distrai, por isso vejo pássaros se balançando nos galhos em ritmos constantes. As gigantescas árvores da praça estão conversando; não sei como não me dei conta até agora, tocam-se com as pontas dos galhos, contornando-as com elegância; elevam seus corpos com uma inspiração que faz vibrar levemente o chão, retraem-se com uma expiração lenta e serena de

baleias terráqueas. Creio que perceberam que as observo, e deixam cair uma folha dourada justamente diante de mim. Recolho meu presente, agradeço, talvez com demasiado entusiasmo porque assusto uma menina de cabelos azuis que me olha, avaliando se sou perigosa. Eu, entretanto, percebo em seu redor um cheiro musical que me faz sentir bem.

Não muito adiante, uma excursão de colégio, um bando de pardais de olhos redondos, que brincam recolhendo pedacinhos de *croissant*, e dois anciãos que decidiram sair para caminhar. Presto atenção em seu caminhar, vão em minha direção, essa forma de posicionar o pé, elástica e firme, a cabeça erguida e os sorrisos leves. Sei que são amigos há muito tempo, só conversam, invejo sua cumplicidade e os vejo pular muros, jovens, os joelhos esfolados e os rostos morenos de subir em alguma figueira... deixo-os partir com certa tristeza.

Junto a mim, uma menina vai cruzar o semáforo; sua cabeleira curta, seus olhos claros não são chamativos, mas seu gesto, os braços rígidos, a boca apertada, seus movimentos pulsantes, nervosos. Esconde um grito imenso, por isso se move assim, para que não escape, para que não inunde o universo e desencadeie uma chuva negra que a afogue, que nos afogue a todos. Não a conheço, como abordá-la, como consolá-la, que eu poderia fazer? Deixá-la ir, como um barquinho de papel na enorme multidão que fala sem parar com seus telefones celulares. Da mesma forma, poderia estar em outra galáxia.

Sopra uma brisa sombria que me consola, acaricia levemente meu rosto e brinca pela faixa de pedestres, alheia ao tráfego. É quase um menino travesso que levanta umas mãos transparentes, dançando com os papéis que voam soltos pela avenida.

A entrada da minha casa me pareceu mais amável, mais acolhedora, a boca de uma caverna¹⁴ cálida suspensa a cinco andares de altura, recolhida sobre si mesma, separando o que é meu do resto do

¹⁴ N. da T.: No original, “cueva”, uma referência explícita às habitações do bairro Sacromonte, onde vivem os ciganos granadinos. O vocábulo, metaforicamente, pode estar relacionado a uma forma diferente da vida em

sociedade. Há que mencionar, a título de exemplo, que a Noiva, personagem de *Bodas de Sangue* (1933), do também granadino Federico García Lorca, morava em uma “cueva”.

mundo. Anoiteceu, desencantada, percebo que pouco a pouco volto a ouvir.

SILENCIO

María Ángeles Barrionuevo Gómez - España

Esta mañana me he levantado sorda. Me despertó un silencio desnudo al que no estoy acostumbrada.

Imagino que el aire frío de ese cine noctámbulo hizo de las tuyas mientras reíamos bajo las marquesinas iluminadas. Despidiéndonos una y otra vez, sin querer ir a ningún sitio.

A las ocho he cogido el autobús. No me he oído decir buenos días, pero el conductor ha hecho un amago de sonrisa. Ha sido un gesto voluntarioso, a pesar de la presión de sus manos en la goma negra del volante, a pesar de la vuelta gastada de su solapa y de una barba incipiente. Aprecio su esfuerzo. Quizás no haya podido dormir esta noche quién sabe por qué, un bebé y sus dientes, un problema con el banco, una pelea leve con su esposa... algo lo hizo caer en barrena examinando cada uno de los días que está atado a este remo de galera urbana, o cada una de esas noches que no consigue dormir. Miro sus hombros rígidos y deseo que una fuerza poderosa junte sus escápulas y las vuelva alas, recorra su columna y la ondule, se aposente en sus isquiones y lo haga levitar, en resumen, que no le duela la espalda hoy.

Es increíble cuantas cosas percibo ahora que no oigo, cuantas cosas dicen las cejas, el filo transparente de un pabellón auricular, la charla que traen las manos, o las historias que cuentan determinadas posturas. Incluso me ha parecido ver en la tercera parada, a una señora grande como un sillón, subir con un aura clara alrededor de la cabeza.

Bajo en el centro de la ciudad, el sonido no me distrae, por eso veo pájaros balanceándose en las ramas a ritmos sostenidos. Los enormes árboles de la plaza están conversando; no sé cómo no me he dado cuenta hasta ahora, se tocan con las puntas de las ramas, volteándolas con elegancia; elevan sus

cuerpos con una inspiración que hace vibrar levemente el suelo, se retraen con una expiración lenta y serena de ballenas terráneas. Creo que se han dado cuenta de que los observo, y dejan caer una hoja dorada justo delante de mí. Recojo mi regalo, doy las gracias, quizás con demasiado entusiasmo porque sobresalto a una chica peliazul que me mira evaluando si soy peligrosa. Yo, sin embargo, percibo a su alrededor un olor musical que me hace sentir bien.

No mucho más allá hay una excursión de colegio, una bandada de gorriones de ojos redondos, que retozan recogiendo trocitos de croissant, y dos abuelos que han decidido salir a andar. Me engancha a sus andares, van en mi dirección, esa forma de plantar el pie elástica y firme, la cabeza alta y las sonrisas ligeras. Sé que son amigos desde hace mucho, apenas hablan, envidio su complicidad, y los veo saltar muros, jóvenes, las rodillas despellejadas y los rostros morenos de subir a alguna higuera... los dejo marchar con cierta tristeza.

Junto a mí una muchacha va a cruzar el semáforo; su melena corta, sus ojos claros no son llamativos, pero sí su gesto, los brazos rígidos, la boca apretada, sus movimientos pulsátiles, nerviosos. Esconde un grito inmenso, por eso se mueve así, para que no se escape, para que no inunde el universo y desencadene una lluvia negra que la ahogue, que nos ahogue a todos. No la conozco, cómo abordarla, cómo consolarla, qué podría hacer yo...dejarla ir, solo dejarla ir, como un barquito de papel en el enorme gentío que habla sin parar con sus móviles. Igual podría estar en otra galaxia.

Sopla una brisa gris que me consuela, acaricia levemente mi cara y corretea por el paso de cebrá ajena al tráfico. Es casi un niño travieso que levanta unas transparentes manos, saltando los papeles que vuelan sueltos por la avenida.

El portal de mi casa nunca me pareció más amable, más acogedor, la boca de una cueva cálida suspendida a cinco pisos de altura, recogida sobre sí misma, apartando a los míos del mundo. Se ha hecho de noche, desencantada compruebo que poco a poco vuelvo a oír.

REFERÊNCIAS

BARRIONUEVO GÓMEZ, María Ángeles. Silencio. [em fase de pré-publicação].

_____. "Tu nombre". In: MORILLA PALACIOS, Ana. Dolor tan fiero: relatos para Teresa de Jesús – V Centenario (1515-2015). Granada: Port Royal, p. 29-31, 2015.

_____. "Calcetines". In: CÁMARA, Elvira. Amor con humor se paga. Granada: Artificios, p. 27-29, 2017.

_____. El lenguaje de los pájaros. Edición bilingüe. Tradução para o inglês: Rosario Reyes Márquez. Almería: Letrame Editorial, 2021.

BERMAN, Antoine. A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica. Bauru: EDUSC, 2002.

CARVALHAL, Tania Franco. A tradução literária. Organon. v. 7, n. 20, p. 47-52, 1993. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/39381>. Data de acesso: 19/05/2021.

_____. Tradução e recepção na prática comparatista. In.: _____. O próprio e o alheio: Ensaio de literatura comparada. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, p. 217-259, 2003.

MONTEMEZZO, Luciana Ferrari. "Trilogia dramática da Terra Espanhola": A tradução como processo e como resultado. Literatura e Autoritarismo. n.13, 2009. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/num13/art_05.php. Data de acesso: 25/05/2021.

_____. A produção literária contemporânea na Espanha: Caleidoscópio de sensações, de Elvira Cámara Aguilera – tradução anotada e comentada. Belas Infiéis. Brasília, v. 8, n. 4, p. 207-218, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/25001/24276>. Data de acesso: 24/05/2021.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

ANDRETA, Bárbara Loureiro. A autoria feminina na Espanha contemporânea: O conto "silêncio", de María Ángeles Barrionuevo Gómez – Uma tradução comentada. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 46, n. 87, sep. 2021. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/16664>>. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v46i87.16664>.